



DOSSIÊ



Reformar o pensamento ao formar educadores

Um desafio na educação

Camila da Rocha LOBO, *Universidade Estadual de Goiás*

João Henrique SUANNO, *Universidade Estadual de Goiás*

A formação docente voltada para a racionalidade técnica ainda é o modelo mais encontrado nos currículos dos cursos superiores de licenciatura em pedagogia. Pensar na quebra desse mecanicismo, na ruptura do paradigma positivista e reformar o pensamento para abertura da pluralidade de saberes se torna cada vez mais necessário, diante das novas exigências da educação. Porém antes de compartilhar conhecimento, é necessário ter a criticidade para compreender a diversidade e as visões diferentes de mundo. Portanto, tal pesquisa se propõe a entender os desafios encontrados na formação de professores no que concerne à reforma de pensamento diante da diversidade na educação. Ao fazer a revisão de literatura através de uma pesquisa qualitativa e na tentativa de uma análise à luz do pensamento complexo, por entender que não há barreiras e padrões normativos para um educar com qualidade, entende-se que, indiscutivelmente, urge uma mudança nos moldes da formação docente, pois a padronização, a falta de alteridade e o apenas tolerar diferenças não se mostram um caminho aceitável para se percorrer na busca por uma educação de qualidade e inclusiva. Assim, espera-se que, de certa forma, tal estudo seja mais um adendo propulsor na preocupação de se formar educadores para o plural.

PALAVRAS-CHAVE: Reforma do pensamento. Formação docente. Diversidade.



Introdução

A formação docente sempre tem se constituído um desafio constante para o avanço profissional e para a qualidade no ensino das escolas. Pensar na importância do papel do professor é vislumbrar, nele, o profissional que impulsionará o aluno a enxergar em sua realidade social uma ponte para encarar o futuro. Portanto, é essencial entender o quão complexa é a atividade docente e como ela é indispensável para o progresso de qualquer sociedade.

Com a presença dos padrões positivistas nos cursos de formação, os professores se veem em meio a uma dualidade que os impedem de contribuir ainda mais com a qualidade da educação, pois o que se espera é que ela vá para além dos muros escolares. Diante disso, percebe-se que a escola ainda não definiu o seu papel no atual contexto histórico, social e político, e que necessita construir uma identidade que dialogue saberes e diversidade em comunhão com professores e alunos.

Para Gonzales (2013, p.15), a diversidade:

É um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade, ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem. Todavia, há uma tensão nesse processo. O processo de interpretar e desconstruir a visão e as representações sobre os coletivos e diversos é uma ação muito complexa porque ela se encontra nas formas universais de compreensão da humanidade.

Por tal exposto, no processo de aliar a educação aos componentes da diversidade e na interpretação conjunta dos envolvidos, cria-se a tensão e as dificuldades de alinhar formação docente de qualidade com o que se espera na aprendizagem. À vista disso, a pergunta norteadora desta pesquisa é: Quais desafios se encontram na formação de professores ao buscar a reforma de pensamento com um olhar para a diversidade?

Tal estudo se justifica pela indispensabilidade de rever o papel do professor em sala de aula, a partir de sua formação, com o intuito de priorizar a diversidade e a plural escolha de pensamentos, permitindo que o ensino passe a ser abrangente e que os movimentos, tradições e culturas, sejam respeitados e entendidos como parte de uma sociedade multicultural.



A partir de uma revisão de literatura acerca do assunto e levantamentos de textos que contribuíram com a discussão, partiu-se da hipótese de que há uma necessidade de repensar os cursos de formação de professores para reformar o pensamento, deixando o mecanicismo para a conquista de um pensamento complexo e integrador, que tenha a diversidade como característica fundamental na busca pela equidade e interculturalidade. Essa hipótese foi averiguada e discutida ao longo do processo de escrita.

O corpus desta pesquisa tem caráter amplo e exige que mais estudos façam parte do discurso que inflame a real importância de repensar o papel docente ao dialogar com a diversidade. Ao tomar-se como princípio a complexidade, leva-se em conta uma realidade que não pode ser contida em uma única explicação. Dessa forma, este trabalho não tem a finalidade de atingir uma resposta única, mas sim abrir espaço para o pensamento em mudanças constantes e assim, ressignificar as metodologias no ambiente de formação. Assim posto, espera-se que este estudo contribua para abrir caminhos a novas pesquisas e descobertas, sem uma padronização cartesiana.

Reforma do pensamento: uma perspectiva complexa

As relações sociais desde o plano político-econômico às esferas da educação enfrentam o desafio da diversidade e do respeito às diferenças. A necessidade de abertura ao outro, da alteridade e empatia, possibilita um movimento contínuo de mudança de pensamento, que leve a entender a real dinâmica dos novos caminhos e perspectivas envoltos ao ser e o saber.

Ao se pensar o ensino em sala de aula, nota-se, ainda, grandes resquícios de uma tradição mecanicista, ligada às ideias cartesianas e ao paradigma positivista, onde o currículo é fragmentado, não oferece a visão do todo, não beneficia a comunicação e o diálogo entre os saberes. Nesse mesmo contexto, encontra-se o professor que, desde sua formação, enfrenta as dificuldades de alinhar novas metodologias com o desenvolvimento do aluno, pois sua atuação está diretamente ligada à sua compreensão de ensino, que em sua maioria foi centrada na racionalidade técnica-instrumental.



Diante de um cenário que urge transformações, a construção do conhecimento tende a orientar o indivíduo a buscar articulação entre diferentes contextos subjetivos, sociais e culturais, daí partimos para a complexidade que requer novas orientações epistemológicas na educação. Portanto, o pensar complexo:

Nos orienta a pensar sem nunca fechar os conceitos, a quebrar as esferas fechadas, a restabelecer as articulações entre o que se encontra dividido, a nos esforçar para compreender a multidimensionalidade, a pensar com singularidade, com a localidade, com a temporalidade, a jamais esquecer as totalidades integradoras. É a tensão na direção do saber total, e ao mesmo tempo a consciência contrária do fato que, como disse Adorno, “a totalidade é a não verdade”. A totalidade é ao mesmo tempo verdade e não verdade, e a complexidade reside justamente nisto: na conjunção de conceitos que se combatem reciprocamente. (SEVERI, ZANELI; 1990, p.59-60).

Assim, há um novo modo de pensar, transdisciplinar, que permite a descoberta do uno e dos saberes infinitivos, que transcendem as barreiras disciplinares. Em complemento, para Petraglia apud Morin (1995, p.83) “Não há espaço para conceitos fechados e pensamentos estanques, enclausurados em gavetas disciplinares, mas há a busca de todas as relações que possam existir entre todo o conhecimento”. Assim, a possibilidade de ampliação do pensamento, do desenvolvimento de outros níveis de percepção da realidade, a partir do desenvolvimento de outros níveis de consciência, oferece a cada indivíduo um aumento significativo na interpretação do mundo em que se encontra e nas saídas de situações-problema que se nos apresentam no decorrer da vida. Podemos considerar isso como uma reforma do pensamento. Essa reforma sugere uma visão de mundo multidimensional e multirreferencial, que contribuirá para se situar no mundo de maneira mais crítica e também mais comprometida com suas transformações para um bem social, além de entrar em contato com formas mais ampliadas de interpretação desse mundo.

Ao reformar o pensamento sobre o ensino, busca-se que o sujeito constitua sua identidade de forma a elaborar autonomia e consciência crítica de maneira recíproca com seus pares, ressignificando contextos e o processo educativo. O educador passa a propor estímulos e a desencadear informações que liguem o meio à proposta do aprender. A barreira, antes imposta, é quebrada e o saber passa a ser social em uma totalidade cada vez mais ampla e integral. Por conseguinte:



Para pensar complexo, é necessário compreender o objeto de estudo e seus respectivos vínculos e relações, para assim, tentar captar sua dinâmica recursiva, retroativa e não-linear. Neste sentido, as metodologias de ensino devem ser interativas e auto-organizadoras de modo a favorecer a articulação de dimensões e referências. (SUANNO, 2013)

Petraglia (2011) afirma que a complexidade é vista a partir da indispensabilidade das relações entre as partes que integralizam o todo, que é explicada pelos múltiplos aspectos no processo do pensar. Em conformidade com Morin, ela, então, consolida o fato do pensamento não ser estático, a liberdade permite a criação e a elaboração do conhecimento, assim, se justifica a superação do pensamento reducionista, dando espaço, na atualidade, ao paradigma da complexidade.

Dessa forma, entende-se que é preciso criar uma nova cultura acadêmica nos cursos de formação de professores; que leve a uma postura de desenvolvimento frente ao saber, que supere uma especialização estreita baseada apenas em disciplinas, mas que problematize as informações e promova a qualidade de vida da sociedade; que possibilite o pensar autônomo, substituindo a simples transmissão de conhecimento, que é levada para a sala de aula; que estimule o engajamento dos estudantes, tornando-os seres mais críticos; e que as metodologias confrontem os saberes, abrindo espaço às discussões e a novas visões, possibilitando um olhar planetário e transdisciplinar.

“Quem educará os educadores? ”: o aspecto formação

Quem é o professor?

Em síntese, podemos dizer que o professor é um profissional do humano que: ajuda o desenvolvimento pessoal/ intersubjetivo do aluno; um facilitador do acesso do aluno ao conhecimento (informador informado); um ser de cultura que domina de forma profunda sua área de especialidade (científica e pedagógico/educacional) e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, portanto, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade de profissionais, portanto científica (que



produz conhecimento sobre sua área) e social. (LIBÂNEO; PIMENTA, 2011, p.48)¹

A partir do exposto, podemos dizer que o professor é, principalmente, um ser humano. Alguém que facilita o contato de cada aluno consigo mesmo, percebendo-se como ser que aprende e que constrói a sua aprendizagem, alguém que não domina a cultura, mas como integrante dela, socializa os saberes culturais com os alunos. Contribui para que se reconheçam como integrantes ao grupo social e geográfico no qual nasceram, ou no qual se integraram, entendendo que a profundidade no conhecimento está em decorrência dos sentidos e significados criados na sua relação subjetivada como pessoa e com os eventos externos a ela, sejam concretos ou não.

O professor ainda pode ser percebido como aquele que auxilia no desenvolvimento do pensamento crítico de seus alunos, no sentido de questionar a realidade a fim de compreendê-la nas suas mais variadas facetas e possibilidades, por assim dizer, problematizar a realidade.

Ao mesmo tempo, é aquele que contribui para a construção do conhecimento científico, com a busca de novas formas de perceber o conhecimento, busca também outras formas de religar saberes, ampliando as possibilidades de análise e conta, também por meio de produções científicas, suas novas descobertas pessoais, intelectuais e profissionais.

É quase unânime, que ao se falar da figura do professor, temos nele conforme todas as características acima citadas, um olhar que remete ao futuro, que está ligado ao seu aluno nos aspectos culturais, sociais, históricos e que o leva ao pensar crítico, de acordo com o conhecimento produzido em sala de aula.

Ao se analisar o aspecto formativo que antecede o ambiente escolar decorrente do seu trabalho, o que se encontra está aquém do que as novas necessidades da educação exigem do professor. “A maior urgência no campo das ideias não é rever doutrinas e métodos, mas elaborar uma nova concepção do próprio conhecimento” (MORIN, 2017).

Pela natureza do trabalho docente, espera-se dos processos de formação que desenvolvam conhecimentos e habilidades, competências, atitudes e valores que levem os educadores aos espaços de construção de

¹ A partir de colaboradores de Isabel Alarcão, na 22^a Reunião Anual da ANPEd, 1999.



saberes com o respaldo e garantia de que o ensino seja pautado na realidade social e que, a partir dela, se promova o saber aprender. Por consequência, espera-se que:

No que concerne à formação de professores, é necessária uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação. As emendas já são muitas. A fragmentação formativa é clara. É preciso integrar essa formação em currículos articulados e voltados a esse objetivo precípua. A formação de professores não pode ser pensada a partir das ciências e seus diversos campos disciplinares, como adendo destas áreas, mas a partir da função social própria à escolarização – ensinar às novas gerações o conhecimento acumulado e consolidar valores e práticas coerentes com nossa vida civil. (GATTI, 2010, p. 1375)

Ao se falar sobre a função social própria à escolarização, infere-se que são elementos dessa conjuntura a escola, alunos, professores e sociedade, pois não há como separar o papel de cada um sem pensar no uno. “É preciso, pois, compreender-se enquanto ‘ser terrestre’ e habitante de um todo planetário, cuja complexidade lhe permita vislumbrar a necessidade e a urgência de solidarizar-se com o universo”. (PETRAGLIA, p.85). Ou seja, os educadores podem começar a reforma do pensamento, mas para que haja esse movimento contínuo, as estruturas institucionais precisam dar o suporte começando pela formação.

Ao se pensar na relação entre o uno e o múltiplo, entendemos que não há a possibilidade de separabilidade entre essas duas partes, constituintes e complementares que são, da ideia de compreensão de uma possível totalidade na unicidade de tudo o que nos cerca. Entender o uno é buscar na parte características do todo que a compõe, representante dos sistemas aos quais pertencem se usarmos uma lente de aproximação entre os vários anéis de um sistema onde uma embarca o outro.

O pensamento acerca do todo nos remete a entender que é formado por cada uma das partes, mas que, ao mesmo tempo, influencia-as e é influenciado por cada uma delas. Dessa maneira, não há como tentar entender o que é uma parte, sem levarmos em consideração as outras partes e como elas, juntas, formam o todo que as compõem e são transformadas por esse todo. Buscar a compreensão de uma não se completa sem a busca da outra, seja qual o sentido, seja qual a direção, seja qual o objetivo a que se deseje alcançar. Então, entender a ação do



professor, é tentar entender também, a ação do aluno e como as reações dos dois se completam e se complementam no que dizemos um processo de ensino e de aprendizagem que acontecem como processos independentes, mas concomitantes e interdependentes.

Quando Morin apropria-se da frase de Marx ao tratar da educação: “quem educará os educadores? ”, ele explica que acredita que alguns educadores, mesmo que de maneira solitária, começam através de suas posições e criticidade, a transformar seu espaço e a forma de levar o conhecimento. Ainda que, durante a formação o professor receba uma bagagem linear e simplista, o mesmo pode evoluir para o complexo, apesar das instituições tentarem bloquear suas iniciativas, incluindo também, as políticas públicas. Assim, considera-se que:

As transformações das práticas docentes só se efetivam na medida em que o professor amplia sua consciência sobre a própria prática, a de sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade².

Mesmo que o professor busque, por conta própria, uma nova abordagem de ensino, de métodos que contemplem a diversidade e o conhecimento sem barreiras, há de se entender que é de responsabilidade das instituições formadoras analisar e reformular o currículo formador, para que sejam atendidas as novas exigências de uma educação que tende a ser transformadora e que celebre a inclusão. Entendendo a inclusão como exclusão escancarada que parece ser justificado esse movimento no sentido de tentar trazer para dentro de um sistema qualquer aqueles que dele foram colocados do lado de fora, e agora utilizam do movimento de inclusão para sanar feridas geradas por si mesmos.

Não serão analisados, aqui, os aspectos históricos que correspondem à formação docente, mas, a partir do exposto abaixo, reitera-se o que foi exposto até então. Onde:

Pode-se afirmar que a história da formação dos professores, nos últimos dois séculos, explicita sucessivas mudanças introduzidas no processo de formação docente, com um quadro de descontinuidade, embora sem rupturas. Com relação à questão pedagógica, que, no início, era ausente, o tema foi penetrando lentamente até ocupar posição central nos ensaios de reformas da década de 1930; está

² Item IV (Do professor formativo) do Documento Norteador para a Elaboração das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Formação de Professores, 1999.



presente nas políticas e discussões atuais sobre formação de professores, sem encontrar, ainda, um encaminhamento satisfatório e coerente entre o conteúdo dos discursos e a sua efetivação prática. Por fim, na história brasileira, as políticas formativas evidenciam sucessivas mudanças, contudo ainda não estabeleceram um padrão minimamente consistente de preparação docente para resolver os problemas enfrentados pela educação escolar, principalmente com relação à qualidade do ensino. (BORGES; AQUINO; PUENTES, 2011, p.109)

Assim sendo, entende-se que professores podem transformar escolas em termos de projetos educacionais, trabalho pedagógico, gestão, entre outras coisas, mas se as reformas necessárias não tomarem os educadores como parceiros, dificilmente uma mudança na qualidade social e humana ocorrerá. “Valorizar o trabalho docente significa dotar os professores de perspectivas de análise, que os ajudem a compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais nos quais se dá sua atividade docente” (LIBÂNEO; PIMENTA, 2011, p.46).

Percebemos, então, que o aspecto formação de professores ainda se encontra pautado nos moldes neoliberais e mecanicistas, onde há mais burocracia e menos espaço para o pensar livre; que dificulta o acesso igualitário; que permanece enraizado ao currículo disciplinador e que caminha a passos curtos para o ensinar sem fronteiras aliando teoria e prática. Assim sendo:

Quando a docência passa a ser considerada em toda sua complexidade e a se organizar a partir de uma nova epistemologia da prática, vinculada aos princípios de uma racionalidade dialética, impõe-se um novo e criador movimento: a docência há que se organizar no diálogo investigativo da *práxis*, este será por certo o movimento que permitirá uma teoria educacional emanada da *práxis* e não dela desvinculada, como temos visto acontecer historicamente. (FRANCO, 2011, p.127-128)

Desse modo, verifica-se a necessidade de um olhar para o currículo formador, que seja integrador numa perspectiva dialética, que una práticas sociais e culturais, ao mesmo tempo que seja inovador e abrace a diversidade tanto nos saberes, quanto nos aspectos humanos do ensino.



A diversidade na educação

A Educação, como espaço de transmissão de saberes e construção do conhecimento, tem um papel fundamental na socialização de práticas que enfrentem as desigualdades, informe e torne mais crítico o pensar humano frente a tudo o que o cerca. Não obstante, falar sobre a diversidade se faz cada vez mais necessário. Ao se relacionar com saberes, é interessante refletir que saberes e diversidade são palavras e, ao mesmo tempo, conceitos que contribuem, quando se juntam, para compreensão mais ampla de cada uma delas. Saberes são diversos por natureza, e fazer o movimento da diversidade na sua ação propositiva afirmativa é buscar os mais diversos saberes para que ela aconteça. Qual é a parte? Qual é o todo? Onde uma inicia e onde termina? Inicia? Termina? São questionamentos que podemos fazer para entendermos que essa relação existe desde quando se iniciaram as reflexões sobre essa temática.

A diversidade pode ser encontrada em múltiplos significados e, dessa forma, denota diferenças. Para Abramowicz (2006, p.12), “a diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança”. Encontram-se, portanto, na diversidade, caminhos que nos levam ao distinto, mas que nos trazem a capacidade de enxergar copiosas possibilidades.

Felipe e França apud Costa (2014, p.52) afirmam que:

“A diferença não é uma marca do sujeito, mas sim uma marca que o constitui socialmente, e se estabeleceu como uma forma de exclusão. Ser diferente na educação ainda significa ser excluído e/ou ser subrepresentado nas instâncias sociais.”

O que se propõe, para o ambiente escolar ou em qualquer outro, é que ao olhar as diferenças existentes se saiba conviver com elas e não apesar delas. Não há como impor uma única ideia, meio, caminho ou mesmo comportamento diante de uma pluralidade, que, inegavelmente, pertence na diversidade do ser. À educação nesse contexto, cabe a transmissão de valores, respeito e empatia, que se conquistam através do convívio e aprendizados constantes.

Para que haja diálogo entre educação e diversidade, entende-se que:

Os quatro princípios de uma educação de qualidade definidos no Relatório da Comissão Mundial sobre Educação para o Século XXI



(aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver em conjunto) somente podem aplicar-se com êxito se a diversidade cultural for seu elemento central. (UNESCO, 2011, p.15-16)

Dessa forma, os saberes podem ser mutáveis e a forma de adquiri-los pode sofrer modificações conforme melhor seja o aprendizado, porém, se não há diversidade cultural com o respeito às diferenças, não há como superar os conflitos. Daí, pode-se inferir o conceito de alteridade – se colocar no lugar do outro, saber dialogar – para que de certa forma, aprender com o outro, seja uma soma de conhecimentos e não de separação pelo que os difere. Assim:

A finalidade não deve ser o estabelecimento da primazia de um dos lados em detrimento do outro, acabando com o conflito através da força, da negação ou do silenciamento do outro. Em outras palavras, uma diferença não deve ser aniquilada por outra em decorrência das relações de poder, que venham a determinar qual diversidade será aceita ou não como valor universal. (REIS e LOPES, 2016, p.156)

A relação complexa entre o todo, compreendendo suas partes, torna mais real a liberdade do ser e facilita o discernimento de que a sociedade é multicultural e dela extraímos os mais distintos relacionamentos que nosso aprendizado. Ter autoridade sobre o outro, com relação ao que se é e possui rompe essa relação, que culmina no enfraquecimento de valores que seriam adquiridos, se dela pudesse usufruir.

Essa multiculturalidade, em que várias culturas pertencem ao meio, caracterizada através das manifestações religiosas, vestimentas, culinária, tradições e outros tantos aspectos, pode ser objeto de estudo e conteúdo para ser discutida em sala de aula em diferentes momentos e disciplinas. O princípio norteador é a indispensabilidade da autonomia de ser ou pertencer a um grupo, sem que isso seja empecilho para a educação:

A problemática das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa. A reflexão sobre esta temática é coextensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente. (MOREIRA e CANDAU, 2003, p.159)



Assim dizendo, a escola é um lugar transmissor de cultura sendo um espaço indissociável da mesma, que por bem, deve transitar entre os diferentes e saber incluir, em diálogos, o que de mais rico e proveitoso pode ser acrescentado ao processo educativo.

Percebe-se, porém, um predomínio monocultural de ensino nas escolas, como única forma de saber, com bases em heranças ocidentais no ensinar rigoroso e como padrão a ser vivido. Em consequência, muitos são os silenciados e mais preconceito sobre o desconhecido é o que se difunde diante dos fatos. Moreira e Candau (2003) reforçam essa argumentação ao definirem o cenário apresentado como um modelo selecionador de saberes, valores, práticas e outros, que considerem mais adequados, com base no discurso de igualdade e direito de todos e todas à educação e ao ambiente escolar.

Essa intencionalidade, enxergada por padrões normativos, reverbera em manifestações e conflitos, pois de acordo com os novos contextos de sociedade, educação e cultura, designar como igual e seletar as características oportunas ao convívio, não são alternativas que conferem direito, mas inviabilizam um espaço de cruzamento intercultural.

Trazer, para o âmbito escolar, as discussões sobre as diversas demandas multiculturais, respeitando o espaço de cada aluno, sua origem e vivência social; a liberdade na apreciação ao diferente; o diálogo como forma de sanar conflitos e a representatividade, são maneiras de colocar, no currículo formador, a diversidade reconhecida como característica base na formação humana, e não o monocultural, pois se mostra apenas como um regulador social. À vista disso, a escola “passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas” (MOREIRA e CANDAU, 2003, p.160).

Os desafios: Educação X Formação docente X Diversidade

Ao analisar a tríade – Educação X Formação docente X Diversidade – abre-se espaço para se pensar em como a formação docente pode interferir num melhor aprendizado nas escolas, transformando os saberes e respeitando a diversidade.

Para Reis e Lopes (2016, p.159):



Vimos presenciando o discurso de que a multiculturalidade e a diversidade existentes em salas de aulas, contudo ainda não se constrói uma identidade cultural. Os sujeitos pertencentes aos grupos minoritários, como por exemplo, o negro e o homossexual são meramente tolerados. Seus conceitos, culturas e desejos, além de ignorados, são tidos como desvios das polarizações e das concepções hegemônicas normativas que permeiam o universo escolar.

Há uma presença ainda muito forte de padrões reguladores dentro das escolas, que comprometem a pluralidade e tornam o diferente, algo a ser tolerado. Esquece-se de que todos devem ser considerados, inicialmente e em todo o percurso das relações sociais, como seres humanos. Que as diferenças são características que deveriam nos encantar uns aos outros, não afastar as pessoas. A possibilidade de ver, no outro, aspectos que não vemos em nós mesmos, nos aproxima ainda mais daquilo que somos enquanto seres únicos na nossa existência, e que cores, religião, gênero, geografias e tudo o mais que possa servir de motivo discriminatório, na verdade, mereciam ser elementos considerados para contar de cada um, e que caracterizassem a individualidade, sem fronteiras. A convivência em um espaço educacional deve partir do princípio do respeito mútuo e do aprendizado constante, independentemente das características de cada indivíduo que o compõem. Colocar-se no lugar do outro, com consideração, identificação e dialogar com esse outro, pois nas diferenças se constrói conhecimento.

Ao questionarmos a diversidade na educação, temos:

Contemplar a diversidade e as diferenças presentes em sala de aula é o primeiro passo para dismantelar a concepção cartesiana de ser humano formatada por séculos dentro do modelo tradicional de ensino. Pensar no ser humano numa perspectiva histórico-social, de forma dialética e dialógica, nos possibilita contemplar “as infâncias e as juventudes” que surgem diante de nós. Esse olhar caleidoscópico permite uma visão da diversidade presente dentro da escola. Ao mudar o foco de nosso olhar sobre o humano manifestado no ser, perceberemos a necessidade de uma ética que contemple o outro como manifestação humana, como uma possibilidade à qual se deve consideração e respeito. (FURTADO, 2012, p.2)

A sala de aula é o espaço da diversidade, já que estão reunidas pessoas das mais variadas origens e tipos de família, de credo, de origem social e financeira e mais. É o espaço da diversidade de pensamentos, de opiniões, de interpretações do mundo em que vivemos, e não aproveitar



isso é perder a possibilidade dos alunos de entrar em contato com mundos outros que não os seus individuais. É também não favorecer o reconhecimento da diferença como algo que mais nos assemelha entre as pessoas. E isso é sério!

O respeito passa à frente das inúmeras possibilidades do ser se fazer presente e ter sua presença não apenas tolerada no meio, mas que seja reconhecida como de fato é, sem as padronizações e rótulos, que impedem o diálogo entre histórias de vida, o compartilhamento de saberes diversos e que nos afasta de sermos uno em uma sociedade tão complexa. Para Furtado (2012), a promoção de comportamentos e ideias diferentes na área pedagógica é fundamental para o aprofundamento da interculturalidade não somente como conceito, mas, em especial, como práxis. Novas atitudes dependem de quem as faz, em sala de aula, temos o professor ao assumir esse papel.

Mais um item a se pensar na tríade é a formação docente, o professor passa a ser integrante da mudança, assim que ele reconhece sua identidade profissional, para tal. Porém, se encontramos a concepção cartesiana nas salas de aula, muito dificilmente o docente teve uma formação que fosse distante a ela, pelo contrário, provavelmente, seguiu os mesmos moldes.

Diante desse cenário, Reis e Lopes (2016, p.159), afirmam que:

Nesta perspectiva da necessidade de reinvenção das práticas escolares, a formação de professores tem um papel central como eixo propulsor de um novo paradigma educacional, que favoreça a formação de sujeitos capazes de dialogar com as diversidades presentes em todas as dimensões envolvidas na construção de relações humanas éticas.

A formação de professores merece ser percebida como lócus de favorecer uma mudança nessa forma de pensar as diferenças. Aprender a aproveitar a diversidade para aproximar as pessoas, e não para separá-las, pode ser um belo caminho na busca de união de pensamentos diversos e de transformação social.

Ou seja, para formar sujeitos que estejam envolvidos com o olhar para o outro e preocupados com as relações sociais, humanas e culturais envolvidas no ambiente educacional é necessário reformar o pensamento, trazer para o currículo formador componentes necessários que permitam a abertura às relações complementares, o transitar entre outros saberes, com outras culturas, tradições, visões de mundo e espaço



social. A ruptura de um paradigma positivista se torna cada vez mais uma necessidade.

Para tornar a educação multicultural e intercultural, para que se possa transitar entre essas culturas, eliminando o preconceito, o repúdio ao diferente, ao pragmatismo e que se contemple a diversidade, novos caminhos devem ser percorridos. O que se vê, dentro das escolas, ainda é reflexo de um modelo normativo e dentro das perspectivas vigentes, de clamores por liberdade e reconhecimento de classes que são minorizadas, não há outra forma que não o diálogo entre as partes. Candau (2008) explicita muito bem o contexto das escolas:

Chama a atenção quando se convive com o cotidiano de diferentes escolas, como são homogêneos os rituais, os símbolos, a organização do espaço e dos tempos, as comemorações de datas cívicas, as festas, as expressões culturais, etc. Mudam as culturas sociais de referências, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente e sem interagir com esses estes universos. É possível detectar um “congelamento” da cultura da escola que, na maioria dos casos, a torna “estranha” aos seus habitantes.

A interação com os universos citados é a interação intercultural, suprida pelas relações de poder que se baseiam em um modelo de sociedade que funciona aos olhos de poucos, porém, são estes que se detêm da vantagem de impor a dualidade entre “certo” e “errado”, certos tipos de valores são eleitos como primordiais, já o valor dado aquele que não se encaixa naqueles, são tidos apenas como adendos. Se a educação é um direito de todos, todos em suas formas deveriam ser representados.

Para se pensar e compreender que educação não anda sem a diversidade e que por elas passam a formação docente, urge a indispensabilidade de pensar no espaço educativo como um espaço de saberes construídos por diálogos, de maneira que seja priorizada a reconstrução da criticidade de visão de mundo em que o aluno já carrega consigo fora do ambiente escolar. Professor e alunos são sujeitos que vivem em constante aprendizado, são atuantes em suas realidades, constroem conhecimento pelo lado racional, mas principalmente, com criatividade, intuição, sentimentos, emoções e perspectivas sociais. Dessa forma:

Um projeto formativo assim concebido revitaliza novas formas de pensar e de compreender, de valorar as questões pedagógicas, de construir novas concepções curriculares e sistemas mais adequados de avaliação, priorizando práticas que possibilitem a integração do corpo



e da mente, da racionalidade e da sensibilidade do sujeito e o objeto. Ao mesmo tempo, promove o resgate do potencial humano, facilitando a expressão de novas formas de relações entre as pessoas, para que passem a se assumir como seres mais solidários e cooperativos. (SOUZA, 2012, p.168)

Um projeto assim eleva o ser humano como alvo de união e não de separação, buscando a não fragmentação entre a racionalidade e a sensibilidade, entendendo-as como complementares, assim como o corpo e a mente. As pessoas se sentem valorizadas uma a uma, sua autoconfiança se eleva, sua capacidade de autonomia cresce e o ser criativo brota para trabalhos em conjunto em prol de uma sociedade melhor.

Aprender na formação docente vai além de um currículo, deve-se assumir um fazer e pensar complexo, que, muitas vezes, começa por um processo solitário para recriar-se, reinventar-se em culturas e romper consigo o processo mecanicista. Requer o entendimento de que, mais que aprender e repassar conhecimento, será necessário se pautar num constante processo formativo, onde o desconhecido vá se encaixando de maneira natural, com a diversidade humana e social, sem barreiras, levando uma educação para além dos muros escolares.

Conclusões provisórias

Sem dúvida, são muitos os desafios encontrados ao reformar o pensamento e priorizar a diversidade durante a formação de professores. O caráter positivista; os modelos padronizados; a falta de olhar o outro; conviver com as diferenças e não, simplesmente, tolerá-las; a falta de preparo pela ineficiência do currículo formado; são algumas das características que impedem o avanço da educação no que concerne ao aspecto da diversidade.

Pode-se elencar e discutir vários casos sobre a falta de diálogo entre os diferentes grupos, mas nesse espaço, cita-se aqui uma passagem por Fernandes (2005, p.381):

Pesquisas já realizadas pela Fundação Carlos Chagas (1987) têm demonstrado o quanto nossa escola ainda não aprendeu a conviver com a diversidade cultural e a lidar com crianças e adolescentes dos setores subalternos da sociedade. Os dados revelam que a criança negra apresenta índices de evasão e repetência maiores do que os apresentados pelas brancas. A razão disso tudo, segundo a pesquisa,



era devido aos seguintes fatores: conteúdo eurocêntrico do currículo escolar e dos livros didáticos e programas educativos, aliados ao comportamento diferenciado do corpo docente das escolas diante de crianças negras e brancas.

A necessidade de mudança é, indiscutivelmente, o principal fator para tornar a educação um espaço plural e de equidade social. Não há, portanto, uma formação docente que, por si só, contemple as respostas para uma mudança no pensar e no fazer conhecimento, que deixe de ser segregador e rompa com um padrão curricular. Há disparidades entre o que se aprende na graduação e o que se encontra nas salas de aula. Educação, diversidade e professores envoltos com os saberes unos, só caminharão juntos com uma mudança no pensar o ensino.

A escola sempre teve problemas em lidar com a pluraridade, pois é mais confortável a padronização e a homogeneidade, diante de um discurso abrangente em sua forma geral e sem distinção, “incluindo” todos que fazem parte do meio social. Porém, há de se buscar novas compreensões para intermediar culturas e reinventar a educação, transformando espaços de conflitos em espaços de socialização de saberes interculturais.

Se não pelo pensamento complexo, que se extingam as ideias simplistas, reducionistas e disjuntivas. Que seja feito, em um primeiro momento, o reconhecimento de que um ensino que separa, extingue, torna invisível o outro e reprime o pensamento livre não torna a educação sinônimo de igualdade. Para que, em um próximo passo, sejam conferidas ações que trabalhem para desfragmentar e relacionar o todo, apropriando-se do aprendizado e das novas contribuições.

Suanno e Sant’Ana (2017, p.83) afirmam que:

[...] colocar a educação a serviço do futuro da humanidade implica na urgência de os sistemas escolares lancem bases para a construção do viver e conviver em posição de abertura e respeito em meio à diversidade de culturas. Reinventar a educação para o tempo presente representa trazer a diversidade do mundo como um valor positivo dentro dos processos educacionais.

Assim, é o conhecimento que leva o ser humano a crescer dentro de seu grupo, o que de certo modo faz com que se crie uma integração cultural, melhorando as relações e buscando sanar diferenças com respeito e enxergando nelas, valores que devem ser inseridos em todo ambiente que tenha como princípio uma educação de qualidade,



inclusiva, aberta ao plural e sem padrões envoltos às questões de poder. Em outras palavras, para superar as desigualdades, é necessário que se reconheçam e respeitem as diversidades, os diferentes, associar o respeito à valorização do ser como pessoa participe de um meio social. E que, através da educação, o espaço de diálogo seja convertido em saberes e conhecimento, propagando, acima de tudo, um processo educativo humanizador e não excludente.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. *Trabalhando a diferença na educação infantil*. São Paulo: Moderna, 2006. p.12.

BORGES, Maria Célia; AQUINO, Orlando Fernández; PUENTES, Roberto Valdéz. Formação de professores no Brasil: história, políticas e perspectivas. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n.42, p.94-112, jun. 2011. p.109.

CANDAU, Vera Maria. *Interculturalidade e Educação Escolar*. 2008. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_interculturalidade.html> Acesso em: 30 jan. 2020.

FELIPE, Delton Aparecido; FRANÇA, Fabiane Freire. A diversidade na educação escolar: o currículo como artefato cultural. *Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME*. v. 9, n. 1, p. 49-63, jan./abr. 2014. p.52.

FERNANDES, José Ricardo. O. *Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades*. Cadernos Cedes, Campinas, v. 25, n. 67, p. 378-388, set. /dez. 2005. p.381.

FURTADO, Júlio. Docência e alteridade. *Congresso de educação básica: aprendizagem e currículo (COEB)*. Santa Catarina, 2012. p.2.

FURTADO, Júlio. Docência e alteridade. *Congresso de educação básica: aprendizagem e currículo (COEB)*. Santa Catarina, 2012. p.3.

FRANCO, Maria Amélia . Para um currículo de formação de pedagogos: indicativos. *Pedagogias e pedagogos: caminhos e perspectivas*. Org. PIMENTA, S. G. 3.ed.- São Paulo: Cortez. 2011. p.127-128.



GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out. dez. 2010. p.1375. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br//>. Acesso em: 20 jan. 2020.

GONZALES, Neidimar Vieira Lopes. *A formação docente e os desafios da diversidade na prática pedagógica de egressos do curso de pedagogia da Unir, campus - Ji-Paraná/RO*. 2013. 141f. Trabalho de conclusão de curso. Dissertação (Mestrado acadêmico em Educação-Linha de pesquisa: formação de professores). Fundação Universidade de Roraima. Porto Velho, 2013. p.15.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação dos profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança. *Pedagogias e pedagogos: caminhos e perspectivas*. Org. PIMENTA, S. G. 3.ed.- São Paulo: Cortez. 2011. p.46.

LIBÂNEO, José Carlos.; PIMENTA, Selma Garrido. Formação dos profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança. *Pedagogias e pedagogos: caminhos e perspectivas*. Org. PIMENTA, S. G. 3.ed.- São Paulo: Cortez. 2011. p.48.

PETRAGLIA, Isabel. *Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber*. 13. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.79.

PETRAGLIA, Isabel. *Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber*. 13. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.83.

PETRAGLIA, Isabel. *Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber*. 13. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.85.

MOREIRA, Antônio Fábio; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*. n. °23, Rio de Janeiro. Maio/agost. 2003.p.159.

MOREIRA, Antônio Fábio; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*. n. °23, Rio de Janeiro. Maio/agost. 2003.p.160.

MORIN, Edgar. Entrevista concedida a Andrea Rangel para o site O Globo. *O Globo*. São Paulo. Jan.2017. Disponível em: <https://>



www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores. Acesso em: 20 jan. 2020.

REIS, Marlene; LOPES, Cristiane Rosa. Educação e diversidade: Uma relação de alteridade nas práticas escolares. *Razão sensível e complexidade na formação de professores: desafios transdisciplinares*. Org. SUANNO, Marilza; FREITAS, Carla Conti. Anápolis. ed.UEG, 2016, 322p. p.156.

REIS, Marlene.; LOPES, Cristiane Rosa. Educação e diversidade: Uma relação de alteridade nas práticas escolares. *Razão sensível e complexidade na formação de professores: desafios transdisciplinares*. Org. SUANNO, Marilza.; FREITAS, Carla Conti. Anápolis. ed.UEG, 2016, 322p. p.159.

SEVERI, Vittorio; ZANELLI, Paolo. *Educazione, complessità e autonomia dei bambini*. Firenze: Nuova Italia, 1990. p.59-60.

SOUZA, Ruth Catarina. Formação de professores: tempos de vida, tempos de aprendizagem. *Formação de professores: elos da dimensão complexa e transdisciplinar*. Org. MAGALHÃES, Solange Martins. – Goiânia: ed. da PUC Goiás, Liber Livro Editora, 2012, p.168.

SUANNO, Marilza. Outra finalidade para a educação: emerge uma didática complexa e transdisciplinar. In: ZWIEREWICZ, Marlene. *Criatividade e inovação no ensino superior: experiências latino-americanas e europeias em foco*. Blumenau: Nova letra, 2013.

SUANNO, João Henrique; SANT'ANA, Jonathas. Escolas do Futuro e Diferenças Culturais dede o Paradigma da Complexidade. *Revista Humanidades e Inovação*. v.4, n.42017 .p.83. Disponível em:<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/324>. Acesso em: maio de 2019.

UNESCO. Relatório. Relatório mundial da UNESCO: *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. 2011, 40p. p.15-16. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por. Acesso em: 24 jan. 2020.



Reform the thought in training educators: a challenge in education

ABSTRACT: Teacher training focused on technical rationality is still the model most found in the curricula of higher education teaching courses. Thinking about breaking this mechanism, breaking the positivist paradigm and reforming thinking to open up the plurality of knowledge, becomes more and more a necessity, given the new demands of education and the concepts of learning to learn. However, before sharing knowledge, it is necessary to have the criticality to understand diversity and different world views. Therefore, such research proposes to understand the challenges found in the formation of teachers regarding the reform of thought in the face of diversity in education. When doing the literature review, based on MOREIRA and CANDAU (2003); GATTI references (2010); LIBÂNEO, PEPPER (2011); PETRAGLIA (2011); REIS and LOPES (2016); SUANNO (2013); SUANNO and SANT'ANA (2017), among others; through a qualitative research and in an attempt to analyze in the light of complex thinking, because it understands that there are no barriers and normative standards for quality education, it is understood that, undoubtedly, a change in the molds of teacher training is urgently needed, therefore, standardization, the lack of otherness and just tolerating differences, does not show itself as an acceptable way to go in the search for quality and inclusive education. Thus, it is expected that, in a way, such a study will be another propelling addendum in the concern to train educators for the plural.

KEYWORDS: Thought reform. Teacher training. Diversity.

Camila da Rocha LOBO

Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás, com Dissertação em andamento sobre o Ensino com Pesquisa na formação de Professores, baseado no pensamento Complexo. Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Goiás (2012), Especialista em Controladoria e Finanças Empresariais pelo Centro Universitário de Anápolis-GO (2014). Atuante em trabalhos voluntários com o ensino de Economia doméstica para ensino fundamental e médio, pela Instituição Junior Achievement. É, atualmente, professora tutora do Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR- UEG) e professora conteudista do Curso para Operadores Imobiliários UniWAM nas disciplinas de Economia e Mercado, Empreendedorismo e Técnicas de Vendas, além de fazer parte do corpo de editores da Revista Plurais-UEG.

**João Henrique SUANNO**

Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Barcelona - UB-ES. Doutor em Educação pela Universidade Católica de Brasília - UCB-DF. Mestre Educação pela Universidad de La Habana-Cuba revalidado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO. Psicólogo - PUC/GO. Psicopedagogo PUC-GO. Professor titular da Universidade Estadual de Goiás. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias - IELT-UEG. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação - PPGE-UEG. Editor Chefe da Revista Plurais - Anápolis-UEG. Revisor do Periódico RBEDU - Revista Brasileira de Educação - Rede Scielo. Membro do conselho editorial da Revista Plurais - Anápolis-UEG. Revisor da Revista de Administração da UEG. Membro do conselho editorial da Revista Rede Internacional de Escolas Criativas - RIEC Brasil. Membro do conselho editorial da Revista Rede Internacional de Escolas Criativas - RIEC UB-Espanha. Membro do conselho editorial da Revista Instituciones Educativas Creativas - Barcelona-Espanha. Membro da Rede Internacional de Escolas Criativas - RIEC/UB-ES e RIEC-Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa Ecologia dos Saberes e Transdisciplinaridade - ECOTRANS-D-CNPq, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Moraes. Membro e pesquisador colaborador no projeto ?Docência Transdisciplinar: a complexidade de uma prática a ser construída a partir de cenários e redes de aprendizagem integrada e ecoformadora? - CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Didaktiké - FE-UFG-CNPq, Membro do Grupo de Pesquisa em Rede Internacional de Escolas Criativas - UFT-TO. Professor, Pesquisador, Palestrante e Conferencista. Investigador sobre Criatividade, Inovação, Escolas Criativas, Ecoformação, Transdisciplinaridade e outros. Autor e coautor de vários capítulos de livros e artigos publicados nacional e internacionalmente.